

Educação contemporânea: análise sob a lógica do capitalismo

Contemporary education: analysis under the logic of capitalism

DOI:10.34117/bjdv7n10-348

Recebimento dos originais: 07/09/2021

Aceitação para publicação: 26/10/2021

Roberta Lúcia Santos de Oliveira

Mestre - Prefeitura de Maracanaú
Rua Capitão Valdemar de Lima, 202 – Centro – Maracanaú - CE
E-mail: profa.robertaoliveira@gmail.com

Livia Julyana G. Lira

Mestre - Prefeitura de Maracanaú
Rua Capitão Valdemar de Lima, 202 – Centro – Maracanaú -CE
E-mail: liviajulyana@yahoo.com.br

Gleíza Guerra de Assis Braga

Mestre - Prefeitura de Maracanaú
Rua Capitão Valdemar de Lima, 202, Centro, Maracanaú-CE
E-mail: gleizaguerra@yahoo.com.br

Felipe Jhonantan Rodrigues da Silva

Especialista - Prefeitura de Maracanaú
Rua Capitão Valdemar de Lima, 202 – Centro – Maracanaú - CE
E-mail: felipejhonantan@gmail.com

Paulo Roberto de Freitas Braga

Especialista - Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC)
Av. Tristão Gonçalves, 1245 – Centro - Fortaleza - CE
E-mail: pauloroberto fb@gmail.com

RESUMO

O presente artigo de natureza qualitativo, busca analisar o papel que a educação vem assumindo na sociedade capitalista, apontando os seus limites, possibilidades e contradições. Para o alcance dessa finalidade, recorreremos brevemente sobre a História da Educação. Em seguida realizamos uma revisão teórica acerca do papel e das formas assumidas pelo processo produtivo que culminam na escola, desviando esta de seu papel enquanto transformador da sociedade. Particularmente, em tempos de crise estrutural do capital, averiguando seus desdobramentos quando foram atribuídos vários papéis à educação: transmitir os conhecimentos necessários à formação para o mercado de trabalho; disseminar as ideias da classe dominante, de forma subtendida e até mesmo de forma notória; promover a inclusão social e ambiental, dentre outros. A educação foi fundada pelo trabalho como uma atividade fundamental no processo de reprodução social, sendo inserida no sistema capitalista correspondendo a uma educação voltada para atender às necessidades do capital em seu processo de expansão e acumulação ampliada.

Palavras-chave: História, Educação contemporânea, Capitalismo.

ABSTRACT

The present qualitative article seeks to analyze the role that education has been assuming in the capitalist society, pointing out its limits, possibilities, and contradictions. To reach this goal, we briefly review the History of Education. Then, we carry out a theoretical review about the role and the forms assumed by the productive process that culminate in the school, deviating it from its role as a transformer of society. Particularly, in times of structural crisis of the capital, we verified its unfoldings when several roles were attributed to education: to transmit the knowledge necessary for the formation of the labor market; to disseminate the ideas of the dominant class, in a subtle and even overt way; to promote social and environmental inclusion, among others. Education was founded by labor as a fundamental activity in the process of social reproduction, being inserted in the capitalist system corresponding to an education aimed at meeting the needs of the capital in its process of expansion and expanded accumulation.

Key-words: History, Contemporary Education, Capitalism.

1 INTRODUÇÃO

O mundo moderno foi construído a partir da evolução do pensamento sociocultural e econômico, através de correntes de legados escritos por diversos autores que hoje ao se estudar a educação brasileira percebemos essa herança cultural e digamos até “profética” do conhecimento produzido em épocas diferentes.

O capitalismo é comparado como uma forma de escravidão, em que forma de algum tipo de empréstimo através do trabalho direto. É uma forma mascarada da servidão. O estudo realizado por Rezende (2004), trata de uma pesquisa realizada nos Estados do Pará, Piauí, Mato Grosso e Rondônia, onde foram constatadas as razões que levam as pessoas a procurar trabalho, o aliciamento dos fiscais e fazendeiros, a violência envolvida nas ações, o cativo seria o mecanismo da dívida eterna.

As aquisições realizadas pelas pessoas que trabalham na fazenda ocorrem nos barracões, tornando impossível a quitação da dívida, é o que o autor chama de escravidão por dívida. Diante das evidências da existência da escravidão contemporânea que perpassa uma ideologia de 350 anos de escravidão propriamente declarada, algumas questões se colocam como quais as semelhanças e diferenças do trabalho escravo colonial para o escravo contemporâneo? Por que persiste apesar da lei? Será que ainda existe uma visão colonial, herdada de um modo de pensar europeu de dominação e superioridade de uns pelos outros? Que papel a educação sistematizada desempenha intersetoriando com políticas públicas voltadas para essa problemática?

Darwin, em seus estudos sobre a antropologia do ser humano, do homem e seu comportamento social através de suas viagens pesquisou a escravidão em suas origens de

ordem biológica e social que levou a outros estudos que compõem a história do pensamento social. A escravidão que terminou em 1888, não foi o único modelo de escravidão existente no país, havendo em outros momentos e diferentes contextos outras formas de escravidão, ocorrendo ainda que de forma disfarçada, revigorando-se de acordo com o avanço e as mudanças do sistema capitalista. Na Justiça Brasileira não há crime do trabalho escravo, mas sim trabalho análogo ao escravo, Art. 149 do Código Penal Brasileiro.

Reduzir alguém a condição análoga à de escravo, quer submetendo-o a trabalho forçado, ou a jornada exaustiva, quer sujeitando-o a condição degradante de trabalho, quer restringindo por qualquer meio, sua locomoção em razão de dívida contraída com o empregador ou proposto (BRASIL, 1940).

Logo, o que há é apenas reparos no âmbito da justiça trabalhista, sendo este um dos fatores para a presença dessa prática no país.

Esse assunto ganhou grande notoriedade recentemente, não pelo fato de ser recentes essas práticas no país, mas sim porque ainda não tinha sido de interesse das autoridades as condições dos trabalhadores rurais deixados à sombra, (REZENDE, 2004).

O que ocorre é uma nova fase do capital, sendo esse tema alvo de discussões de entidades de direitos humanos, sindicatos rurais e funcionários do Estado, o que não deixa de ser consequência da insaciável busca pelo lucro. Ainda de acordo com esse autor “a escravidão por dívida distingue-se das anteriores porque em geral é de curta duração, ilegal, não é fruto de uma guerra e nem sempre é motivada por sequestro”. O trabalhador escravo é o peão, que ainda seguindo a denominação de Rezende, é o trabalhador em atividade braçal, levados para empreendimentos agropecuários.

A pedagogia, sendo a ciência que trata da educação e a escola como ferramenta de superação sendo um conjunto de técnicas, princípios, métodos e estratégias da educação e do ensino, estudando as ideias educacionais, segundo uma determinada concepção de vida e dos processos técnicos mais eficientes para realizá-los, visando aperfeiçoar e estimular a capacidade das pessoas. Assim, algumas questões se colocam como qual o papel da pedagogia no processo de transformação da sociedade? Que resultados vem obtendo na prática educacional? Quais as influências sociais, econômicas e políticas ao longo da história a pedagogia de se viu refletida? Questões essas, que todo educador deve refletir e adentrar historicamente buscando entender a história da pedagogia no âmbito geral, qual a influência do capitalismo sob a crise da escola? E é nesse contexto, que entra a educação em seu papel de superação desse paradigma que

envolve a lógica do capitalismo de sobreposição de um sobre o outro, submetendo a diversas formas de escravidão disfarçada.

Segundo Cambi (1999) a história da pedagogia desenvolve reflexões sobre o pensar, o devir da educação e os caminhos da história da educação como disciplina que recompõe o passado para entender melhor o presente, para relativizarem ideias e propostas no tempo e para estimularem a crítica e a reflexão no educador, a fim de que ele alargue sua visão e seu repertório educacional como “construção social”.

Nesse contexto, a história da pedagogia se constituiu entre os séculos XVIII e XIX. Esse período foi marcado pelas correntes de pensamento positivista e espiritualista.

No âmbito do positivismo, a pedagogia foi, na origem, assimilada à prática educativa. É este o entendimento de Durkheim (1965), para quem a pedagogia é uma teoria prática, interessada na realização do fenômeno educativo, em contraposição à teoria científica, interessada no conhecimento do fato educativo, tarefa essa atribuída à sociologia da educação. As correntes filosóficas no âmbito da educação veiculavam ideias da história universal ou de épocas passadas (Antiguidade, Era Medieval e Era Moderna).

Assim, a história se orienta por uma construção da totalidade, na medida em que o homem se empenha em compreendê-la, vai se construindo um saber específico. Ao longo de vários séculos a pedagogia construiu uma rica tradição teórica e científica sobre a prática educativa que deve ser continuada e ser desenvolvida.

Ao considerarmos o percurso histórico da educação à luz do pensamento de Cambi (1999), retomamos de suas ideias aquelas que partem da Grécia antiga para chegar à era contemporânea, a fim de poder analisar o pensamento pedagógico, sua contribuição e sua importância para a pedagogia atual.

Essas reflexões sobre as múltiplas pedagogias nos levam a certos fatos e marcos neste macro cenário de fenômenos que devem ser considerados à luz de estudos, preocupados com a insensibilidade que vai além do iluminismo e, sobretudo, com a reconstrução da educação sem exacerbá-la como campo de adestramento, treinamento e informação para o capital intelectual.

Eis por que é preciso aliar referenciais que a resgatem como ciência da educação, que permitam constituir seu estatuto epistemológico para superar os modelos focados no tecnicismo pedagógico ou apenas no pensar sobre a complexidade da educação ou das situações anacrônicas de modelos vinculados ao humanismo ingênuo e ao paradigma do trabalho. E o que dizer sobre a evolução de um povo? Seria chegar ao estilo de vida europeu? Ou criar um novo estilo de vida pautado em princípios e valores respaldados

naquilo que se julga certo? Lançando um olhar sobre a história do povo brasileiro, vem uma sociedade marcada por imposições, cuja identidade genuína foi marcada pela dominação do colonizador sobre o colonizado, na descoberta e conquistas da terra, que é o bem mais precioso, produtor de riqueza.

A não valorização da cultura aqui estabelecida indígena foi massacrada com o instinto de superioridade do homem branco, como assim se dizia, impondo sua cultura e apossando-se das terras recém-descobertas. Gilberto Freyre em seu livro *Casa Grande & Senzala*, publicado em 1933, retratou bem essa realidade ao abordar a cultura brasileira desmitificando a noção de determinação social na formação de um povo, no que dá maior importância àqueles culturais e ambientais.

Com isso, refuta a ideia de que no Brasil se teria uma raça inferior devido à miscigenação. Antes, aponta para os elementos positivos da formação cultural brasileira oriundos desta miscigenação entre culturas tão distintas. A terra foi usada para o cultivo da cana em detrimento da pecuária e da cultura de alimentos, o que provocou a apatia, a falta de robustez e a incapacidade para o trabalho. Males geralmente atribuídos à mestiçagem.

Os portugueses não traziam para o Brasil nem separatismos político, nem divergências religiosas, e não se preocupavam com a pureza da raça. Assim o país se formava. E a unidade dessa grande extensão territorial com profundas diferenças regionais, garantida muitas vezes com o uso da força, aconteceu devido à uniformidade da língua e da religião. A Igreja desenvolvia planos ambiciosos, toda ocupada por países de tradição católica.

Nessa quase cruzada no Novo Mundo, os padres jesuítas desempenhavam um papel importante na tentativa de implantar uma sociedade estruturada com base na fé católica. Para catequizar os índios, os jesuítas decidiram vesti-los e tirá-los de seu hábitat. Já o senhor de engenho tentava escravizá-los.

Nos dois casos, o resultado era o extermínio e a fuga dos primitivos habitantes da terra para o interior. Assim, essa discussão nos remete propor um diálogo que é possível a partir do conhecimento sociológico e antropológico da formação cultural brasileira para tomarmos uma postura crítica da identidade cultural do povo brasileiro, para compreender a sociedade em que vivemos inserida em um contexto global influenciada também, atualmente pelo estilo de vida norte americano, que se diz moderno.

Podemos compreender que, uma vez que houve uma hierarquização cultural constituindo a possibilidade de reconhecer e compreender o diferente, não apenas entre

as diferentes culturas do mundo ocidental, é verdade que o discurso moderno do individualismo como moralmente superior é o único aceito como legítimo, porém esse paradigma hoje através da disseminação do conhecimento é amplamente questionado.

1.1 CONTEMPORANEIDADE DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA

O capitalismo é um sistema econômico que desde sua origem tem como principal foco o lucro, advindo de um consumismo em massa que se renova a cada tempo. Novos hábitos, novas tecnologias, a automação dos processos industriais que visa aumentar os ganhos com a presença mínima de mão-de-obra e exigindo mais capital humano, pessoas qualificadas para atender os anseios do crescimento econômico.

Segundo Lipovetsky (2013) o capitalismo surge como um rolo compressor que não respeita nenhuma tradição, nem venera qualquer princípio superior, seja ele ético, cultural ou ecológico, esse autor chama atenção para o caráter imperialista do capitalismo de sobrepôr em primeiro lugar sua lógica de dominação de um sobre o outro.

Nesse contexto, o processo de globalização produz um conjunto de fenômenos na economia mundial e na sociedade, bem como interferindo na vida social da humanidade. O capitalismo aparece assim, como um sistema incompatível com uma vida estética digna deste nome, com a harmonia, com a beleza, com uma vida boa, pautada numa economia liberal em seus aspectos mais devastadores, (LIPOVETSKY, 2013). Mas o significado de globalização é o de uma crescente integração entre os países de todo o mundo ou pelo menos da maior parte, (MIGLIOLI, 2012).

Existe, sem dúvida um processo de globalização que compreende diversos aspectos: do econômico ao cultural. O estilo, a beleza, a mobilização do gosto e das sensibilidades impõem-se a cada dia que passa como imperativos estratégicos das marcas: o capitalismo do hiperconsumo.

As indústrias de consumo, o design, a moda, a publicidade, a decoração, o cinema criam, de forma massificada, produtos plenos de sedução, num universo estético heterogêneo que vai proliferando. E o real vai-se construindo como uma imagem com dimensão estética, que se tornou cada vez mais importante na concorrência entre as marcas globais.

A burguesia inicialmente desenvolvia atividade apenas comercial, após a segunda metade do século XVIII, com a industrialização assume o controle econômico e político. Os donos do capital passam a ser os donos do poder. Os bens de consumo são fabricados em grandes quantidades.

Na contemporaneidade, o capitalismo encontra dificuldades de reprodução, mas não se trata de uma crise, apesar de provavelmente caminhar neste sentido. Essas dificuldades de reprodução convivem com a falta de uma alternativa que expresse uma força real, embora exista uma tendência nesse sentido, mas ainda demasiada fraca.

Para compreender esse processo é preciso entender a evolução do capitalismo. Este se altera de acordo com a sucessão de regimes de acumulação, que são expressão de determinada configuração dessa sociedade, em determinado momento histórico. Um regime de acumulação expressa uma determinada forma hegemônica de organização do trabalho (tal como o taylorismo, fordismo, toyotismo). Assim, vivemos numa era em que se dá muita importância ao material, à valorização pelo “possuir”, e nessa perspectiva o capitalismo mais uma vez se consolida e acaba disseminando essa ideia do consumo exacerbado, pautado numa ideologia determinística em que as novas tecnologias assumem papel que caracteriza essa nova fase do capitalismo que perpassa todas as classes sociais.

O sistema capitalista está ligado à produção em massa e o consumo na mesma proporção, com isso produz o lucro, para a obtenção de matéria-prima é preciso retirar da natureza diversos recursos. A exploração constante e desenfreada tem deixado um saldo de devastação profunda no meio ambiente. Durante o último século o mundo passou por profundas evoluções e a natureza sempre foi usada nesse processo, porém sem planejamento a mesma já demonstra saturação e incapacidade de regenerar.

Nesse contexto, tem-se as seguintes indagações: Como eles viviam antigamente? De que forma as pessoas interagem? Seria então as tecnologias em favor da expansão do capitalismo exacerbado? O mundo do consumo como centro dos objetivos das famílias, das empresas? O consumo tem levado à inovação cada vez mais avançadas, em que pesquisas em P & D tem essa forte tendência de tornar as coisas cada vez mais fáceis e as pessoas cada vez mais dependentes? Isso gera até mesmo algumas mazelas sociais como a violência urbana, o mundo do consumismo tem levado as pessoas a imediatização daquilo que não se configura uma necessidade básica como alimentação, transporte, educação, dentre outros. Nesse contexto, entra o capitalismo estético, o mundo da moda, o querer “aparecer” como “descolado”, atualizado e com os padrões de beleza estabelecido como “bonito”.

Lipovetsky (2010), em sua obra *O Ecrã Global* e em *O Capitalismo na Era da Globalização*, retrata bem essas questões do poder que tem o verbo “ter” na sociedade contemporânea, consequência do capitalismo selvagem e das relações de trabalho

estabelecidas entre os dominantes e dominados. Isso gera consequências catastróficas numa sociedade, como exemplo podemos citar a alienação, no sentido de levar à diminuição da capacidade dos indivíduos em pensar e agir por si próprios. Ou seja, mudar esse status quo vigente se tornou algo muito difícil no curto prazo, pertence a educação esse papel de não só reproduzir essa situação, mas também transformá-la a fim de obter uma geração pautada em valores inerente à formação humana mais digna. Se torna então uma tarefa que podemos dizer até árdua que é a de educar nesse mundo onde os valores, a razão estão deturpados pelos princípios capitalistas, em que a felicidade está pautada no TER, o poder se dá pelas aquisições e que muitas vezes os fins tentam justificar os meios.

A consciência de um profissional que atua na educação e formação de mentes humanas não deve estar pautada nessa lógica do capital e sim pela valorização do conhecimento como elemento chave para educação de qualidade, pois tenta-se de difundir uma nova cultura norteada pelo capitalismo, em que o imediatismo e a interatividade, tudo ao alcance de um clique, são aspectos que geram uma nova sedução.

2 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A definição de educação poderia ter uma vasta denominação que poderia ser elencada nesse estudo, mas uma definição clássica seria “Processo pelo qual se procura desenvolver as potencialidades da pessoa humana e integrá-la na comunidade a qual pertença”. No decorrer da História e nas mais diversas sociedades, os processos e objetivos educacionais se diferenciam enormemente, de acordo com complexos fatores culturais.

A sustentabilidade do desenvolvimento socioeconômico está diretamente associada à velocidade e à continuidade do processo de expansão educacional. A qualidade na educação gera benefícios como avanços no índice de desenvolvimento humano e na produtividade no trabalho, contribuindo para o crescimento econômico. Por outro lado, a expansão educacional promove maior igualdade e mobilidade social essencial para fomentar o crescimento econômico e reduzir a desigualdade e a pobreza.

Exigem-se fundamentos, objetivos, métodos e processos educativos, administração e recursos nas estruturas socioeconômicas para o permanente e progressivo equilíbrio entre a realidade atual e a perspectiva futura. Assim, a educação é uma força geradora potencialmente de transformações e não apenas como um mero instrumento de transmissão de conhecimento. Smith (1776 apud IOSCHPE, 2004) dizia que “A diferença entre os tipos mais dissimilares, entre o filósofo e um carregador de malas, por exemplo,

parece surgir não tanto da natureza, mas de hábitos, costumes e educação”. Logo, a qualidade de homens e mulheres começava a ser incorporada como elemento decisivo da riqueza das nações, onde a educação assume papel fundamental nesse processo.

Contudo, a educação deu um enorme salto no século XX, a principal característica foi a massificação de acesso ao ensino fundamental e médio. Contudo ainda segue a investigação acerca de como ofertar um ensino de melhor qualidade, como colocar em prática todo esse legado cultural deixado, para nossa reflexão e construirmos uma educação de qualidade que busque a redução das disparidades e que seja centralizada no objetivo comum que é ofertar uma educação de qualidade.

REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, Fernando. **A Cultura Brasileira**. São Paulo: Editora da USP, 2010.
- CAMBI, Franco. **História da Pedagogia**. São Paulo: ed. da Unesp, 1999.
- COMTE, August. **Filosofia Social**. (1816-1828).
- DARWIN, Charles. **A Origem das Espécies**,1859.
- HILL, Cristopher. **A Bíblia Inglesa e as Revoluções do Século XVII**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- DURKHEIM, É. **Educação e Sociologia**. 6. ed.São Paulo: Melhoramentos, 1965.
- FREYRE, Gilberto. **Casa-grande e senzala**. Lisboa: Livros do Brasil, 1957. FREUD. Sigmund. **A Interpretação dos Sonhos**, 1900.
- IOSCHPE, Gustavo. **A ignorância custa um mundo: o valor da educação no desenvolvimento do Brasil**. São Paulo: Francis, 2004.
- LIPOVETSKY, GILLES; SERROY, Jean. **O Ecrã Global**. Lisboa, Edições 70, 2010.
- _____. **O Capitalismo Estético na Era da Globalização**. Lisboa, Edições 70, 2013.
- MARX. Karl. **O Manifesto Comunista**,1847.
- _____. **O Capital**, 1867.
- ROUSSEAU, Jean Jacques. **Do Contrato Social**. (1762).